

EDUCAÇÃO AMBIENTAL MEDIADA PELO DICIONÁRIO AMBIENTAL BÁSICO: INICIAÇÃO À LINGUAGEM AMBIENTAL

José Fortunato Neto [1]
Ivan Fortunato [2]



OLAM – Ciência & Tecnologia, Rio Claro, SP, Brasil – ISSN: 1982-7784 – está licenciada sob [Licença Creative Commons](#)

Palavras-chave: Educação Ambiental. Ecologia. Comunicação. Mediação. Consciência Ambiental. Inclusão Social.

INTRODUÇÃO

Na busca altruísta (como forma de resgate da cidadania pela inclusão) de um instrumental que pudesse ser capaz de realizar uma ação sócio-educacional voltada para as questões ambientais, idealizou-se um glossário, redigido em linguagem pedagogicamente adequada para estudantes já alfabetizados, ilustrado, editado em papel reciclado, formado pelos principais termos ecológicos.

Trata-se de uma pesquisa-ação, metodologia definida por Thiollent (1994) como um modo de investigar social empírico somado a uma ação ou solução de um problema coletivo, no qual pesquisadores e sujeitos atuam em cooperação.

Incentivou-se o engajamento e comprometimento comunitário, e, na esteira da proposta original, estatui-se que o trabalho deveria ser voluntário e que aos colaboradores se impunha a renúncia a possíveis direitos autorais. O resultado desse esforço comum foi denominado “Dicionário Ambiental Básico: Iniciação à linguagem Ambiental”, o qual foi editado pela primeira vez em 2004, tendo sido entregue para todos os estudantes que concluíam a então quarta série do ensino fundamental da Comarca de Brotas/SP. Hoje, o “dicionário” se acha em sua quinta edição, tendo sido distribuído em cerca de quinze municípios do Estado.

Busca-se, assim, aproximar as crianças da linguagem ambiental pelo aporte de um instrumento que não colima veicular informações a partir de um emissor para um receptor, mas para *por em comum* (objetivo da comunicação) conceitos presentes em seu cotidiano e, cumprindo assim se papel de mediador, como esclarece Martín-Barbero (2002, p. 55): “(...) o eixo do debate deve se deslocar dos meios para as mediações, isto é, para as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes temporalidades e para a pluralidade de matrizes culturais”.

UM PROJETO VIVO

Termo muito em voga, a denominada sustentabilidade ambiental perpassa pela conjugação dos conhecimentos técnicos e jurídicos aplicados à gestão dos atributos naturais, ou seja, pela efetividade dos instrumentos da Política Nacional do Meio Ambiente, como descritos na Lei nº6369/81; porém, somente se tornará eficaz quando alicerçada pelos conceitos de Educação Ambiental (doravante EA), por meio da qual, em síntese, o respeito a todas as formas de vida agrega um valor para além daqueles de natureza econômico-financeira. Se à aridez dos procedimentos técnicos se imiscuir o viés holístico que informa a Educação Ambiental, o resultado, sem dúvida, importará em maiores e melhores benefícios para todos.

Obviamente, a tarefa proposta é gigantesca; nada obstante, o baldrame deve ser informado pelos conhecimentos elementares, em todos os locais possíveis, e, em especial, de forma transversa, em meio aos currículos escolares, cravejando as futuras gerações com conceitos elementares, todavia de imperiosa importância.

Tem-se visto que a utilização do presente projeto em apoio às mais diversas atividades escolares, revelou-se uma ferramenta ao mesmo simples e eficaz de auxílio à transmissão de conhecimentos ambientais, avivando a natural curiosidade juvenil.

Do reconhecimento dessa necessidade de conscientização ambiental que discutimos, surge uma proposta que objetiva apoiar aquela que consideramos sua maior fonte para satisfação, qual seja, a Educação e, portanto, a EA.

Fortunato Neto (2008b) discute a possibilidade de tornar tangível a EA não somente através de discursos pedagógicos e políticos, mas pelo compartilhamento de ferramentas que sustentem a prática docente e sensibilizem os estudantes (e até mesmo a comunidade) para a verdadeira compreensão ambiental. Afirma o autor:

(...) aos conhecimentos formais adquiridos nos bancos escolares e àqueles obtidos ao longo de nossas vidas devem ser acrescidos e fomentados os relativos à educação ambiental em sentido amplo, para que esta possa, enfim, permear todo o arcabouço social, com o fito principal de permitir a busca por uma visão holística do ambiente em que vivemos. (FORTUNATO NETO, 2008b, p.2)

O autor abandona a segurança da academia e direciona esforços para tornar real, com o apoio dos diversos colaboradores voluntários mencionados, uma possibilidade de amparo à EA ao lançar no ano de 2004 na cidade de Brotas a primeira edição do Dicionário Ambiental Básico (doravante Dicionário).

Consoante com seus pressupostos, o Dicionário,

Confeccionado em papel reciclado e contando com ilustrações fotográficas, traz em seu bojo alguns dos principais verbetes ambientais, muitos de conhecimento apenas endêmico, descritos com uma linguagem pedagogicamente adequada ao público alvo principal. (FORTUNATO NETO, 2008b, p.1)

Portando, ainda, como um dos princípios essenciais a distribuição em detrimento da comercialização em uma sessão única, a todos os alunos ingressantes na antiga 4ª série do ensino fundamental (hoje 5º ano) não como prêmio por determinados comportamentos – como notas, por exemplo – mas de forma inclusiva, resgatando cidadania.

Fortunato Neto (2008a) trás no prefácio da 5ª Edição do Dicionário o objetivo principal desse esforço, qual seja:

(...) disponibilizar para todos os estudantes das primeiras séries do ensino fundamental, aos quais já houvessem sido transmitidos os conhecimentos básicos de alfabetização, um instrumento que pudesse servir de fonte perene de consulta, e, ainda, auxiliasse os docentes de diversas disciplinas na difícil, porém necessária, tarefa de cuidar das questões relativas ao meio ambiente.

Superando os preceitos da antiga escola de comunicação segundo qual a utilização de meios de comunicação acontecia de forma autoritária, isto é, servia ao professor para ilustrar um conhecimento, ampliar a quantidade da audiência ou trazer para sala de aula algo observável somente nos livros – um vídeo sobre o pólo norte ou a vida selvagem na África, por exemplo, o Dicionário surge nessa proposta mediadora por apresentar verbetes indicados pela comunidade que podem ser debatidos na sala de aula, nas reuniões de professores e/ou com a comunidade escolar (pais, familiares, moradores da região...), de conformidade com os interesses e/ou preocupações locais.

Consciente que o projeto é uma semente plantada que poderá gerar frutos, Fortunato Neto (2008b) afirma que divulgar termos ambientais será insuficiente para revolucionar a consciência sócio-ambiental necessária, mas que a mediação e a busca pela construção dessa consciência pelo caminho do conhecimento poderão ser possíveis respostas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde sua concepção até o momento (abril de 2009), cinco edições foram produzidas e distribuídas em diversas cidades no interior do estado de São Paulo e na Capital. Cada edição foi revisitada e modificada pela contribuição dos professores que puderam trabalhar com seus conceitos.

Fortunato Neto (2008a) reconhece o desafio que enfrentaremos (nós humanidade) neste século que se iniciou há quase uma década, durante a qual vivimos, exponencialmente, utilizando de nossos recursos naturais esgotáveis e não-renováveis para satisfazer uma lógica de consumo (recentemente colocada em xeque por uma crise mundial).

Há, portanto, a necessidade de engajamento de todos os autores sociais,

(...) para que a idéia central do projeto germine nesse novo ambiente, fazendo com que aos conhecimentos formais adquiridos nos bancos escolares e àqueles obtidos ao longo de nossas vidas sejam acrescidos e fomentados os relativos à educação ambiental em sentido amplo, para que esta possa, enfim, avançar por toda a sociedade e possibilite uma visão mais consciente do ambiente em que vivemos. (FORTUNATO NETO, 2008a, prefácio)

Entendemos que o Dicionário apresentado é uma excelente ferramenta que possibilita esse engajamento; todavia, reconhecemos que não carrega em si uma solução pronta para o problema aqui discutido, na medida em que as ferramentas de comunicação precisam, sem sombra de dúvida, de ação dos dois lados – emissor e receptor.

REFERÊNCIAS e BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BRASIL. **Constituição**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.

FORTUNATO NETO, J. (org.). **Dicionário Ambiental Básico**: iniciação à linguagem ambiental. 5ª ed. Brotas/SP: Gráfica e Editora Rimi, 2008a.

_____. O Ministério Público e a Educação Ambiental. **Anais do VIII Simpósio do Curso de Especialização em Educação Ambiental e Recursos Hídricos**: múltiplos olhares e saberes. São Carlos/SP: USP/EESC/CHREA, 2008b.

MARTÍN-BARBERO, J. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, M. W. (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

NALINI, J.R. **Ética ambiental**. Campinas: Millennium, 2001.

RIDLEY, M. **As origens da virtude**: um estudo biológico da solidariedade. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SINGER, P. **Vida ética**: os melhores ensaios do mais polêmico filósofo da atualidade. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

SOUZA, M.P. **Instrumentos de gestão ambiental**: fundamentos e prática. São Carlos: Riani Costa, 2000.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1994.

Informações sobre os autores:

[1] Msc. José Fortunato Neto

Bacharel em Direito (UNIMEP – 1989), integrante do Ministério Público do Estado de São Paulo (1990), promotor de Justiça do Meio Ambiente (1992 a 2006), Titular da 8ª.

Promotoria de Justiça de Rio Claro (2007), Mestre em Ciências da Engenharia Ambiental (EESC-USP-2004), Especialista em Educação Ambiental (EESC-CRHEA-USP-2008)

Contato: jfort@linksat.com.br

[2] Ivan Fortunato – <http://lattes.cnpq.br/8293044394759438>

Mestrando em Comunicação pela UNIP, pós-graduado em Psicodrama Sócio-Educacional, possui graduação em pedagogia pela Universidade Estadual Paulista (2005) com aperfeiçoamento em administração de RH pelo SENAC.

Contato: ivanft@yahoo.com.br